

Jornal Lampião da Esquina: entre saberes, discursos e formação discursiva

RESUMO

Neste artigo, tensionando a seção “Saindo do Gueto” do Jornal Lampião da Esquina, buscamos analisar sua produção de saberes. Através de uma perspectiva pós-estruturalista, pelas contribuições do teórico Michel Foucault no que se refere ao discurso, intentamos perceber as formações discursivas que a referida seção mobiliza. Na esteira dos debates de Judith Butler sobre precariedade e gênero, entrevemos os efeitos políticos que a seção reverbera: suas reivindicações políticas, seus saberes e desafios.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Discurso. Lampião da Esquina.

Robson Guedes da Silva

E-mail:
robsonguedes00@hotmail.com
Universidade Federal de
Pernambuco, Recife, Pernambuco,
Brasil.

Ana Flor Fernandes Rodrigues

E-mail:
contatoanaflor@outlook.com
Universidade Federal de
Pernambuco, Recife, Pernambuco,
Brasil.

Diogo Pedro da Silva Fernandes

E-mail:
dpsfernandes@outlook.com
Universidade Federal de
Pernambuco, Recife, Pernambuco,
Brasil.

INTRODUÇÃO

1978, o Brasil ainda se encontrava em plena ditadura civil-militar, Stonewall já havia explodido. O país, na esteira dos efeitos engendrados pela década de 1960, compõe suas armas políticas para uma nova disputa nas relações de poder: 11 “gueis” como gostavam de ser chamados - Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Adão Costa, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Perter Fly - articularam a ideia da criação de um jornal dentro da chamada imprensa alternativa, voltado às minorias sexuais, dando ênfase, neste sentido, principalmente à homossexualidade.

Tal posição política era inserida em um duplo desafio: estabelecer embates contra certa naturalização da chamada “condição homossexual” instada sempre a patologias e estigmas religiosos, fadando assim os sujeitos estigmatizados a se organizarem nos chamados “guetos”. Desafiando, igualmente, os guetos a sair das sombras, assumindo suas identidades como parte de uma política reivindicatória mais ampla.

O jornal *Lampião da Esquina* foi o primeiro jornal assumidamente LGBT, se fôssemos concebê-lo a partir da sigla que comumente utilizamos hoje. Utilizava-se, igualmente, dos discursos que fomentava para produzir efeitos políticos de visibilidade e dizibilidade em nível nacional dos saberes das minorias sexuais, até então marginalizados e desqualificados. Saberes desassujeitados, partindo aqui de uma perspectiva foucaultiana, ou seja, saberes que trazem em si certa capacidade crítica, como nos pondera Ana Luiza Oliveira Burmester (2002, p. 36), “aqueles que se insurgem contra o pensamento centralizador, autoritário, resistindo e podendo ser reconhecido pelos caminhos da erudição e, ao mesmo tempo, dos saberes desqualificados, mesmo ignorados”.

Isso porque em nível nacional a repressão a qualquer posicionamento político que atentasse contra o regime ditatorial vigente era habitual, qualquer discurso que emergisse neste contexto consistiria em embates intensos, instado sempre aos procedimentos de exclusão, tendo em vista que a emergência do jornal *Lampião da Esquina* se deu a partir de uma certa interdição das mídias alternativas - principalmente de esquerdas - que entendiam esses saberes como “não prioritários”.

O *Lampião* circulou entre 1978 e 1981, tendo em seu percurso 41 edições, 38 numeradas e mensais, três edições extras, além da edição zero, sua edição de lançamento. No editorial do jornal constavam colunas fixas como “Cartas na Mesa”, no qual o intuito era publicar e responder cartas dos leitores do jornal; “Reportagem”, seção sempre anunciada nas capas das edições; “Esquina”, seção de notícias importantes ao público do jornal; e a partir da edição 5 surge a seção “Bixórdia”, tratando das formas de vida dos “viados, bichas, bichinhas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 12).

Nosso foco, neste ensaio, é analisar por meio de um debate teórico pós-estruturalista a produção de saberes do jornal *Lampião da Esquina*, abraçando como uma caixa de ferramenta, as contribuições de Michel Foucault no que se refere ao discurso. Temos igualmente, o intuito de perceber a emergência do

jornal na sua seção de apresentação presente na edição zero, intitulada “saindo do gueto”, buscando tensionar tal seção e a formação discursiva que esta mobiliza.

O DISCURSO EM FOUCAULT: ENTRE O DITO E O NÃO DITO

Michel Foucault construiu um significativo repertório teórico dentro do campo das ciências humanas. Sua preocupação com o presente, ou dito de outra maneira, seu olhar investigativo sobre a produção do sujeito desde a modernidade, evidencia suas questões de pesquisa, articulando para pensá-las e problematizá-las, uma caixa de ferramenta teórico-metodológica que se nutre da arqueologia, da genealogia e da ética como ferramentas pertinentes de sua investigação.

A arqueologia para o teórico funciona como uma modalidade de análise discursiva, como a história que trata das condições históricas de possibilidade do saber. A arqueologia não trata os discursos como signos, compreendidos sempre a partir de outra coisa, alvo sempre de olhares interpretativos, vê em contrapartida os discursos como práticas, não buscando certa essência constitutiva ou origem, mas sim a sua especificidade. A arqueologia como aponta Foucault,

busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um "outro discurso" mais oculto. Recusa-se a ser "alegórica" (FOUCAULT, 2012, p. 169).

Mesmo articulando um olhar estruturalista para seu objeto, ou seja, certa visão estruturalista da linguagem, é largando a compreensão dos universais que Foucault vai em seu trilhar arqueológico tensionar a noção de discurso, buscando por meio desse caminho, demonstrar que não existem estruturas permanentes que produzem a constituição da realidade. Sua noção de discurso como prática social é presente na Arqueologia do Saber (2012) e na Ordem do Discurso (1996), além de operar tal noção em outras produções teóricas.

Foucault concebe que os discursos são produzidos nas relações de poder, uma produção que se dá sempre mediante essas relações. Ele pondera que os discursos “[...] tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras” (FOUCAULT, 2012, p. 59).

O discurso em Foucault não pode ser concebido como uma superfície dualista contato-confronto, realidade-língua, deve ser, por outro lado, tensionado e analisado, entrevendo como se desfazem “os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (FOUCAULT, 2012, p. 60). Ou seja, ao tensionar e analisar os discursos, Foucault não os trata como conjuntos de signos, sempre remetendo a

representações e conteúdos, concebe-os como práticas que produzem os próprios objetos que abraçam. O discurso é, para Foucault, um

[...] conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 2012, p. 143).

Para o teórico, as relações de saber e poder estão presentes nas práticas sociais, na verdade para Foucault, visibilidades, dizibilidades, instituições, textos, etc. produzem essas mesmas práticas sociais, instadas sempre às relações de poder que as supõem e as atualizam (FISCHER, 2001). O discurso, existindo para além da representação das coisas, “não pode ser entendido como um fenômeno de mera expressão de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria” (FISCHER, 2001, p. 200). Devendo ser entendido como aponta Foucault, não como

[...] uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (FOUCAULT, 2012, p. 143).

O discurso para o pensador francês apresenta regras - sistemas de exclusão do discurso, formação discursiva, etc.-, o estudo dessas regras discursivas são pertinentes para aqueles que nutrem certo desejo de empreender uma análise discursiva, partindo aqui neste sentido, das contribuições do próprio teórico sobre o seu objeto de análise. Dessa maneira, é provocando junto com Foucault a noção de dispositivo, em detrimento da noção de *episteme*, que intentar uma análise do discurso deve articular ao mesmo tempo uma análise do não discursivo, das práticas cotidianas do nosso presente.

FORMAÇÃO DISCURSIVA E OS PROCEDIMENTOS DE EXCLUSÃO DO DISCURSO

Na construção de seu olhar analítico sobre o discurso, Michel Foucault não se utiliza de unidades de análise como ideologia ou ciência, prefere em contrapartida pensar o discurso como um conjunto de enunciados que estão associados em um sistema de regras, entendendo assim, o discurso como um conjunto de enunciados provenientes de uma formação discursiva, concebida também como sistema de formação. Foucault, nesta perspectiva, compreende que a formação discursiva não busca desempenhar

o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma

intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais (FOUCAULT, 2012, p. 88).

O teórico argumenta que se estabelecem correlativamente uma análise dos enunciados e da formação discursiva, pois, como nos aponta Edgardo Castro (2016, p. 177), “as noções de formação discursiva e de enunciado reenviam uma à outra”, haja vista que ao descrever os enunciados estabelecemos ao mesmo tempo certa singularização de uma formação discursiva.

É necessário para Foucault, ao pensarmos na formação discursiva, compreendê-la sempre inserida em um campo discursivo, estabelecendo continuamente relações com outros campos de saber, como por exemplo, o discurso político, o discurso médico, o discurso pedagógico, etc. Percebendo dessa maneira que, cada um desses discursos compõem um conjunto de enunciados apoiados em um determinado sistema de formação e nunca fechados em si mesmos (FISCHER, 2001).

Buscando as condições históricas de possibilidade - o que Foucault denomina como a priori histórico - a arqueologia procura analisar as condições que fizeram determinados enunciados se tornados possíveis em detrimento de outros. Foucault neste sentido, busca distinguir a formação discursiva do enunciado, vendo como uma unidade de análise dos objetos de formulações - proposição/significante - e dos objetos do trabalho da interpretação - frase/significação -, tais diferenças podem ser vistas nas relações com o objeto, sujeito, domínio associado e materialidade.

Podemos entender a luta pelo discurso como o poder que queremos nos apoderar, os discursos em seus procedimentos engendram jogos de poder que criam não apenas interdições, mas igualmente reverberações constitutivas. Foucault discorre que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Na Ordem do Discurso, Foucault (1996) aponta alguns procedimentos de exclusão exercidos externamente e internamente nos discursos. No que tange aos procedimentos externos, Foucault nos apresenta três formas de interdição discursiva, a saber: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade.

Ao discorrer sobre a palavra proibida, Foucault (1996, p. 9) diz que “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Jogos de interdição funcionam produzindo as circunstâncias e os sujeitos autorizados a falar. Conformam uma grade complexa que se cruzam, se reforçam e se compensam (FOUCAULT, 1996).

Como segunda forma de interdição, ou procedimento de exclusão, temos a desqualificação do discurso do louco. Neste procedimento, a exclusão se exerce por meio de separação e rejeição. Foucault pondera que desde a Idade Média “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros” (1996, p. 10). São as palavras do louco que o identifica, o discurso do louco é instado a separação,

exercida por meio de várias instituições -médicas, psiquiátricas, etc. Cabe salientar igualmente que, o discurso sobre a loucura já foi tensionado por Foucault em 'História da Loucura' e no 'Nascimento da Clínica'.

Por fim, outro procedimento de exclusão apresentado por Foucault é a vontade de verdade. Esse procedimento de exclusão engendra seu funcionamento articulado a palavra proibida e segregação da loucura, fabricando formas, técnicas e domínios dos objetos conferindo aos discursos certos efeitos de verdade por períodos determinados, apoiando-se sobre um suporte institucional. Foucault (1996, p. 17) aponta que a vontade de verdade "é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas" assim como "pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído". Reforçadas através de jogos de poder, o efeito da vontade de verdade, seu produto, é o discurso verdadeiro.

Ao se nutrir do repertório foucaultiano sobre o discurso, podemos compreender que o discurso ao mesmo tempo instrumento e efeito das relações de poder, nem está submetido definitivamente ao poder nem tampouco apenas oposto a ele. Dessa maneira, partindo das contribuições de Foucault, devemos entender que o discurso "veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo" (FOUCAULT, 2014, p. 110).

SAINDO DO GUETO: DISCURSOS, EMERGÊNCIAS E EFEITOS POLÍTICOS

Na primeira seção idealizada pelo jornal Lampião da Esquina intitulada "Saindo do Gueto", é possível encontrar ao mesmo tempo que se destaca uma condição de precariedade, posicionamentos políticos que evidenciam uma necessidade e urgência do que Judith Butler (2018) chamaria de "direito de aparecer". Reivindicações amplas e múltiplas contra-condutas nas questões de gênero e sexualidade. Especificamente a reivindicação de construir outras possibilidades de compreensão de uma população - que hoje poderíamos chamar de LGBT - tida enquanto minoria. Um movimento de fricção, ou melhor: de desestabilização, de fissura nas inscrições das normas do que se entende ou do que é projetado, de maneira estática, enquanto LGBT no Brasil na década de 1970.

Nesse sentido, o Lampião da Esquina aborda questões que estão ligadas aos procedimentos de exclusão movimentados por Michel Foucault quando sublinha um conjunto de enunciados que tem como objetivo contestar efeitos de verdade que são impostos quando o que está em pauta é a questão da sexualidade das pessoas LGBTs. Estando isso que chamamos de "sexualidade", nesse contexto, visto como um lugar de autorização e desautorização, da palavra proibida; tensionando no que concerne às imposições de normas, quem pode ou não falar. Desta forma, diz o jornal: "LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor" (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 1).

No jogo das interdições, faz-se necessário compreender que "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (FOUCAULT, 1996, p. 10). É entendendo essa engrenagem que o Jornal Lampião da Esquina se empenha na elaboração de questionamentos que estão implicados no processo da produção de subjetividades de sujeitos LGBTs.

Para pensar a sexualidade, Foucault (2014) vai concebê-la como um dispositivo histórico, rejeitando o que chama de hipótese repressiva, entendendo nesta perspectiva, o poder não apenas como algo negativo, mas fazendo funcionar “a produção exuberante dos discursos sobre o sexo no campo das relações de poder, múltiplas e móveis” (FOUCAULT, 2014, p. 106). O Lampião da Esquina, denota também certa compreensão da sexualidade não apenas como repressiva, quando aponta que

falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 1).

A seção “Saindo do Gueto” denuncia a idealização de sujeitos LGBTs, por parte do imaginário social brasileiro, como “estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico cristã” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 1). O que nos viabiliza lembrar as aproximações da criação não de um sujeito que é tido enquanto “louco”, mas de um sujeito pervertido ou invertido. Temos então a fabricação de tecnologias e estratégias de regulação, rejeição e separação. Ou se ainda preferirem: de uma “verdade mascarada” (FOUCAULT, 1996) sendo colocada em disputa por meio da proposta na qual se lança o Lampião. Cabe salientar um interdiscurso neste trecho do Lampião, o que poderíamos chamar de discurso cristão.

O discurso cristão articulou como efeito de sua constituição a emergência da igreja como instituição, fabricando uma série de técnicas de poder que no exercício de sua efetivação naturalizou certos discursos sobre o sexo, procedimentos de constituição de inteligibilidade. A confissão por exemplo, como técnica de “confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder” (FOUCAULT, 2014, p. 66), seus efeitos estão presentes em práticas de vários campos do saber como a justiça, a pedagogia, a psicologia, a medicina, etc. Como ritual discursivo, a confissão produz articulações onde

o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; e, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder [...] um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (FOUCAULT, 2014, p. 69).

Na descontinuidade da história, houve certo rompimento entre um regime sociopolítico em que o sexo era concebido como um atributo e um regime mais recente em que o sexo se estabelece como uma identidade. Neste processo de produção da identidade como efeito natural, a heterossexualidade compulsória torna-se, como nos aponta Butler “essencial para a meta do poder, agora entendido como produção disciplinar da vida” (BUTLER, 2008, p. 92).

A homossexualidade, neste sentido, é sempre efeito da produção de um sujeito que de forma deliberada constitui uma inversão sexual. O sujeito homossexual é concebido como portador da morte, aquele que negligencia a ‘natureza da reprodução’, sendo “alguém cujo desejo é de alguma forma estruturado pela morte, seja como o desejo de morrer, seja como alguém cujo desejo é inerentemente punível pela morte” (BUTLER, 2008, p. 92). A formação do

próprio sexo é, dessa forma, uma atuação do poder produzindo sua inteligibilidade.

A naturalização da homossexualidade como inversão sexual pode ser pensada como efeito de um conjunto de discursos de variados campos do saber como por exemplo, o discurso cristão e o discurso científico. Ambos funcionaram produzindo um discurso verdadeiro do “sexo inteligível pela imposição da heterossexualidade compulsória na descrição dos corpos. Pode-se afirmar que o sexo aqui é produzido de acordo com uma morfologia heterossexual” (BUTLER, 2008, p. 99).

É chamado de invertido, aquele que se desvia dos trilhos da heterossexualidade compulsória, trilhos que se encontram no vinco de duas formações discursivas, o discurso cristão que sataniza o sexo como possibilidade de prazer e o discurso científico que durante muito tempo entendeu a homossexualidade como uma patologia sexual, passível de intervenção médico-psiquiátrica. Butler (2008, p. 102) nos afirma que, nesta perspectiva “a categoria diagnóstica do ‘invertido’ presume que alguém de um determinado sexo de certa forma adquire um conjunto de disposições e desejos sexuais que não viajam nas direções apropriadas” sendo o invertido aquela pessoa que “não atinge seu objetivo e objeto e se dirige erradamente para seu oposto ou quando se toma a si mesmo como objeto de seu desejo e então projeta e recupera esse ‘si mesmo’ em um objeto homossexual”.

Várias pessoas que hoje chamamos de população LGBT, para estabelecerem relações com outras pessoas que compartilhavam suas similitudes no que concerne a gênero e sexualidade, tinham que se reunir no que o Lâmpião da Esquina chama de ‘guetos’, ou seja, grupos com afinidades específicas e normalmente marginalizados e desqualificados pela sociedade em virtude de suas identidades de gênero e/ou orientações sexuais, escondidos nas sombras do não visível. O jornal, na esteira de movimentos como Stonewall, pondera:

é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano (LÂMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 1).

As minorias sexuais são sempre alvo de um polícia da esfera do aparecimento, tanto por não mimetizarem uma visualidade normativa, quanto pela visibilidade não normativa que seus corpos evidenciam. Butler nos diz que aqueles que “buscam criminalizar ou patologizar aqueles que vivem seu gênero ou sua sexualidade de maneiras não normativas, estão agindo como a polícia da esfera do aparecimento, pertençam ou não a uma força policial de fato” (BUTLER, 2018, p. 66). A reivindicação do jornal pelo direito de aparecer está intimamente ligado às normas de reconhecimento, regras que estabelecem quem pode ser considerado como humano, usufruindo dos direitos que o estatuto do humano abarca. Longe de apenas uma ‘aceitação’, a seção afirma que

o que LÂMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto,

têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 1).

Intentando certo reconhecimento do humano -claro que hoje o campo da teoria *queer* tensiona o *cogito* do humanismo estabelecendo críticas à produção de uma essência, de um humanismo que produz a identidade como atributo natural- o projeto político do Lampião da Esquina notícia a denúncia da condição de vulnerabilidade e precariedade para com a população LGBT, práticas sociais que não reconhecem a população como digna de uma vida vivível, alvos constantes de mecanismos de poder “que decidem a vida de quem importa mais e a de quem importa menos, a vida de quem se torna um paradigma para todas as coisas vivas e a vida de quem se torna uma não vida nos termos contemporâneos que governam o valor dos seres vivos” (BUTLER, 2018, p. 220).

Por fim, o jornal Lampião da Esquina em sua seção ‘Saindo do Gueto’ visibiliza e dizibiliza certo enfrentamento aos diferentes modos de não viabilidade da vida da população LGBT. Seus efeitos discursivos ganham materialidade em suas outras edições a partir da notoriedade que vai construindo com outras pessoas LGBTs. O jornal assim, se torna um importante instrumento de ação política e troca de experiências, desafios e saberes. Ou nos termos foucaultianos, um acontecimento.

NOTAS DA ESQUINA OU SOBRE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Graças às movimentações metodológicas que Foucault mobiliza ao pensar linguagem e discurso, nos lançamos a construir uma análise foucaultiana dos discursos que se encontram emaranhados na trama da reivindicação de que saberes difusos produzidos por bichas, travestis, sapatões, abjetos, estranhos, *queers*, pudessem aparecer. A seção de lançamento do jornal Lampião da Esquina nos possibilitou pensar nas condições de interdição da fala, na interdição do direito de aparecer, assim como nas formações discursivas que esta mobiliza, produzidas por certos discursos que foram naturalizados, fabricando um certo tipo de efeito de verdade em torno das questões de gênero e sexualidade que põe os que atentam contra esses efeitos normativos à margem.

Não estando fora do discurso, somos sujeitos derivados desses discursos, somos as fissuras, o contingente. Entendendo que os discursos podem ser constituídos por signos, mas não um conjunto de signos que representam as coisas do mundo, pelo contrário, “os discursos formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2012, p. 56). Cabe aqui salientar que as práticas discursivas constituem as formas pelo qual pensamos e construímos o mundo, bem como a forma que lutamos por ele, mas isso por si só não é suficiente para que possamos fazer as práticas discursivas funcionarem conforme as nossas vontades.

Portanto, o jornal Lampião da Esquina noticia importantes provocações reivindicatórias, um conjunto político de movimentações: saindo do gueto, um jornal de bichas falando para bichas. Uma luta pelo discurso, o poder que queremos nos apoderar. Uma luta pela desmontagem de uma verdade que atenta contra nossos corpos.

Lampião da Esquina newspaper: between knowledge, discourses and discursive formation

ABSTRACT

In this article, tensioning the “Leaving the Ghetto” section of the Lampião da Esquina newspaper, we seek to analyze his knowledge production. Through a post-structuralist perspective, through the contributions of the theoretician Michel Foucault regarding the discourse, we intend to understand the discursive formations that the referred section mobilizes. In the wake of Judith Butler's debates on precariousness and gender, we see the political effects that the section reverberates on: its political claims, its knowledge and challenges.

KEYWORDS: Sexuality. Speech. Lampião da Esquina.

Periódico Lampião da Esquina: entre conocimiento, discursos y formación discursiva

RESUMEN

En este artículo, tensando la sección "Dejando el ghetto" del periódico Lampião da Esquina, buscamos analizar su producción de conocimiento. A través de una perspectiva postestructuralista, a través de las contribuciones del teórico Michel Foucault con respecto al discurso, pretendemos comprender las formaciones discursivas que moviliza la sección referida. A raíz de los debates de Judith Butler sobre la precariedad y el género, vemos los efectos políticos que repercute en la sección: sus reclamos políticos, sus conocimientos y desafíos.

PALABRAS CLAVE: Sexualidad. Discurso. Lampião da Esquina.

REFERÊNCIAS

BURMESTER, Ana Maria Oliveira. Em defesa da sociedade. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. 1ª ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Friche (org.). **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução Ingrid Muller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Revistas Cadernos de Pesquisa**. n. 114, p. 197-223, nov., 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LAMPIÃO DA ESQUINA. **Saindo do Gueto**. Número zero. Rio de Janeiro, abril, 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf> Acesso em: 10 jan. 2020.

Recebido: 22/04/2020.

Aprovado: 29/06/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.12053.

Como citar: SILVA, Robson Guedes da; RODRIGUES, Ana Flor Fernandes; FERNANDES, Diogo Pedro da Silva. *Jornal Lampião da Esquina: entre saberes, discursos e formação discursiva*. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 90-100, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfr.edu.br/cgt/>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Robson Guedes da Silva

Rua Diogo de Vasconcelos, 234, Várzea, Recife, Pernambuco, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

